

A MÃE, A TERRA, A FOME

Giovani T. Kurz (mestrando em Letras pela UFPR)

Resenha de: *BORGO, Karina Sainz. Noite em Caracas. Tradução de Livia Deorsola. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.*

Adelaida Falcón, narradora de *Noite em Caracas*, cita o colombiano Juan Gabriel Vásquez e repete ao longo do texto que “pertencemos ao lugar onde estão enterrados nossos mortos”. O lugar da terra é central no romance de Karina Sainz Borgo, publicado em 2019 pela editora Intrínseca. Sobre a escritora venezuelana nascida em 1982, a edição brasileira estampa na orelha do livro que “*Noite em Caracas* é seu primeiro romance e já teve os direitos de publicação vendidos para 23 países”. Inevitavelmente, o primeiro passo de uma leitura crítica passa a ser o entendimento das razões pelas quais a narrativa se difundiu tanto e instantaneamente; *La hija de la española* — seu título original, traduzido para o português por Livia Deorsola — foi publicado originalmente em março de 2019, na Espanha. Convidada da Flip do mesmo ano, Karina Borgo fala de *Noite em Caracas* como um “acerto de contas” com o passado, como “uma história sobre desenraizamento”¹, e constrói um enredo dúplice, repleto de entrecruzamentos e sobreposições, em que espaço e tempo são sempre dois; aqui e lá; agora e antes — entre o contemporâneo decadente e a infância distante; entre a terra e o país, duas Venezuelas tão distintas. Sem reentrâncias ou complexidades, o romance se estrutura em torno de Adelaida Falcón. É a morte de sua mãe que atua como estopim de um desenrolar desenfreado de ações em uma Caracas irreconhecível — e, até por isso, cada vez mais familiar: uma cidade “em estado terminal” (BORGO, 2019, p. 10). Adelaida vive diariamente o esforço de permanecer acima da miséria que toma conta do país; sua realidade não se separa da realidade nacional. O velório, somado às despesas com

¹ Cf. GABRIEL, Ruan de Sousa. **A Venezuela pelas mãos de uma aclamada romancista caraquenha.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/a-venezuela-pelas-maos-de-uma-aclamada-romancista-caraquenha-23590063>>. Acesso em 18/05/2020.

tratamentos, é lembrete da escassez e da ausência de opções. Após enterrar a mãe — “concluía-se minha infância de filha sem filhos” (ibid., p. 10) —, Adelaida encontra seu apartamento ocupado por um grupo de mulheres violentas: o autoritarismo nacional aparece na vida da protagonista em outro jogo de espelhos. Obrigada a encontrar alternativa, bate à porta da vizinha, Aurora Peralta, cujo corpo se estende já sem vida dentro do apartamento destrancado. Desencadeia-se um espiral acelerado — e um tanto atropelado — em que Adelaida revira os documentos de Aurora, estuda sua vida detalhadamente, e assume seu lugar. Aurora Peralta tem dupla cidadania — é espanhola, além de venezuelana —, e é no estrangeiro que a protagonista enxerga um caminho para longe do turbilhão social ascendente.

No romance, destaca-se a sobreposição constante de qualquer gesto: o passado impregnado de presente, a violência habitando cada reentrância; cada detalhe é beleza e ameaça. Adelaida passa a ser também Aurora, venezuelana e espanhola. Há uma única cisão radical, enfatizada recorrentemente: a terra não é o país. São duas Venezuelas sobrepostas, mas absolutamente distintas. Ao se lembrar da infância, a narradora nota que “as poucas árvores centenárias ainda de pé pareciam mais longevas e resistentes que o país” (ibid., p. 180). Adelaida vive o embate entre uma experiência de chão ao lado da mãe, anterior à violência desenfreada, à fome, aos escombros da cidade sitiada, e um presente descontrolado e incontrollável.

Nasci e cresci em um país que recebeu homens e mulheres de outra terra. Alfaiates, padeiros, pedreiros, encanadores, vendedores, comerciantes. Espanhóis, portugueses, italianos e alguns alemães foram procurar no fim do mundo um lugar onde inventar o gelo de novo. Mas a cidade começou a se esvaziar. Os filhos daqueles imigrantes, gente que não se parecia muito com seus sobrenomes, empreendiam a volta para buscar nos países de outros a linhagem com a qual foi construída a sua. Eu, ao contrário, não tinha nada disso. (ibid., p. 63)

Aparece Seu Teseo, um sapateiro italiano que representa a primeira das figuras que “havia cruzado o Atlântico, esse mar no qual alguém sempre diz adeus”: “as ruas de Caracas ecoavam aquelas vozes e sotaques” (ibid., p. 61). Em outro dos recuos cronológicos, quando a narradora revisita sua infância num país que prometia futuro, esbarra em Verónica —

professora do primário e exilada chilena nos anos de Pinochet. Nela também chama a atenção o par que formam a partida e a chegada:

Naquele jardim de infância em que chamávamos as piscinas de *piletas*, Verónica dizia “lá” em vez de dizer Chile ou Santiago, como se apenas a escolha dessa palavra já enfatizasse a distância. “Lá” era um passado. Um lugar de onde pareciam ter saído sob a condição de não o mencionar jamais. Uma palavra que doía como o coto de um braço amputado. (ibid., p. 80)

E assim aparece a fome, que também habita o texto aliada ao desterro a que todas as personagens são, de alguma maneira, submetidas. La Mariscal, líder do grupo que ocupa o apartamento de Adelaida, insiste: “É isso que fazemos, meu amor, porque temos fome. Fome”; “Você com certeza nunca sentiu isso. Você não sabe, moça, o que é fome. Isso, minha filha: fo-me” (ibid., p. 84-85). Deve-se apontar, por outro lado, que apesar da força de certas associações e da convicção com que alguns fios conduzem a narrativa — a família destrocada, a terra perdida para a nação, a fome epidêmica —, o romance esbarra numa simplicidade excessiva da linguagem, que não oferece qualquer experiência mais radical. Provoca-se, assim, certo descompasso entre o poder do enredo e a fragilidade da língua que o sustenta. A violência expressa pelas mulheres que ocupam o apartamento de Adelaida se perde em parte na artificialidade dos diálogos — a tradução contribui para manter essa distância desconfortável da verossimilhança —; a delinquente que grita “Mexam-se” (ibid., p. 166): a ênclise perfeita. Além disso, alguns dos recuos cronológicos reforçam tal descompasso entre certos elementos do enredo. A história de um amor passado entre Adelaida e Francisco, entrincheirada em meio ao desespero do enredo contemporâneo, é absolutamente dissonante. A América Latina exige e produz uma brutalidade que não comporta histórias de amor. Sua linguagem, excessivamente macia, rompe com a dureza do restante do romance — uma de suas principais qualidades: a rigidez. Papel importante tem também a relação de Adelaida com a mãe, narrada ao avesso — é o seu enterro, na primeira página, que desencadeia o romance e evoca a proximidade entre as duas. O desfecho atua como ponto de partida e caminha na direção do restante do romance — que, formalmente, pouco surpreende.

Impressiona, sem dúvida, a velocidade com que o livro ganhou espaço no circuito editorial, e seu caráter de denúncia política — que é bastante sutil, jamais ultrapassando

descrições do caos que o país enfrenta — sem dúvida tem papel importante na equação. Porém, não apresentando o radicalismo da linguagem — como um *Jamais o fogo nunca*, da Diamela Eltit — ou a profundidade da introspecção — como um *A resistência*, do Julián Fuks —, o impacto do olhar politizado logo cede lugar a um maniqueísmo quase pueril. As nuances de uma situação social complexa saem de cena, especialmente na segunda metade do romance, quando a narradora carrega suas falas de exemplos da tirania dos vilões — sempre mercenários despidos de qualquer convicção — e se volta a si, desesperada em ir à Europa. Sylvia Colombo menciona, na Folha de S. Paulo, que, na maioria dos países em que o romance foi publicado, “seus editores tomaram a controversa decisão de mudar o título original (...). Afinal, chama mais atenção ter a menção à crise venezuelana logo no título. Perde-se, porém, a referência (...) [à] imigração espanhola” (COLOMBO, 2020, sem paginação). Abre-se espaço, a partir disso, para um debate sobre a presença de engajamento e seus mecanismos em *Noite em Caracas*; seja a partir da referência à Venezuela em contexto amplo, seja pelas micronarrativas que compõem o romance. Marginalizando a origem espanhola de Aurora Peralta, que habita o título original, coloca-se em primeiro plano a questão social da Venezuela — que aparece, no romance, como motor de fuga, jamais de combate. Nesse sentido, o primeiro subenredo que aparece com força é a história de Santiago, o irmão desaparecido de Ana, amiga de Adelaida. Sua aparição — um tanto abrupta — se dá em meio a um protesto que Adelaida percorre ao tentar dar fim ao corpo de Aurora Peralta. O rapaz emerge da multidão mascarado e explica seu sequestro, a tortura e seu retorno às ruas, forçado a atuar ao lado dos “Filhos da Revolução”. Sem nublar as relações, Borgo recorre outra vez à dicotomia bom/mau para dar conta da história de Santiago, e encontra no Estado inimigo inequívoco do desfecho venezuelano.

Com alguma potência narrativa, o romance se apoia majoritariamente na evolução acelerada do enredo como motor da leitura — as reviravoltas envolvendo Santiago são exemplo preciso disso, além de, sem dúvida, os malabarismos que Adelaida Falcón faz para se tornar Aurora Peralta e ir à Espanha. Há, ainda, no olhar à Venezuela, a capacidade de frear a progressão dos acontecimentos de modo a enfrentar, com beleza, algumas das transformações do país. Mistura-se a tal ímpeto analítico, contudo, uma cisão excessivamente marcada entre heróis e vilões, vítimas e algozes. Na tentativa de produzir engajamento,

movendo o leitor em determinada direção, o romance perde fôlego. A personagem foge do combate; foge do país num movimento inconfundível de abandono — “não regressar era o melhor que podia nos acontecer” (ibid., p. 217). Adelaida reflete a forma do romance: não há luta; busca-se algum conforto. Há momentos de beleza notáveis, observações sóbrias de uma personagem que perde cada vez mais. O olhar ao país, contudo, surge um tanto raso — há complexidades que emergem um tanto achatadas na voz da protagonista, o que produz alguma dúvida quanto à qualidade de sua percepção.

Escapam ao questionamento, contudo, os três fios condutores que movem o romance e o fazem funcionar, apesar de qualquer imperfeição: a relação de Adelaida com a mãe, que produz, tantas vezes, imagens sensíveis em meio à desordem nacional — “um cordão umbilical imprevisto entre vivos e mortos” (ibid., p. 95) —; a memória da terra, que antecede a memória do país: a Venezuela não é um nome, mas uma sensação debaixo dos pés — um lugar “generoso em beleza e violência, dois dos mais abundantes recursos naturais” (ibid., p. 47); a fome como ponto de partida e de chegada, origem e desfecho da violência que se vê nas ruas, instrumento de tortura e de punição, de medo, de dor — “pode-se comer caniça com garfo e faca” (ibid., p. 159).

A epígrafe de Sófocles que abre o romance não é vazia: “Eu mesmo, como tu, fui educado no desterro” (SÓFOCLES apud BORGIO, 2019, p. 7). Nela, já aparecem os grandes motivos da narrativa: o ensimesmamento como produto da solidão; a igualdade das condições; a ausência — progressiva — da terra como adaptação e aprendizado. *Noite em Caracas* fala não apenas de uma Venezuela que mergulha no caos — “minha obrigação era sobreviver” (op. cit., p. 183) —, mas da permeabilidade do presente ao passado, da memória que permanece em carne viva, da “maldição dos que nascem muito cedo em um lugar e chegam muito tarde ao seguinte” (ibid., p. 141).

REFERÊNCIAS

BORGO, Karina Sainz. **Noite em Caracas**. Tradução de Livia Deorsola. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

COLOMBO, Sylvia. **Romance 'Noite em Caracas' aborda culpa daqueles que deixaram a Venezuela**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/romance-noite-em-caracas-aborda-culpa-daquelles-que-deixaram-a-venezuela.shtml>>. Acesso em 20/05/2020.